

ESPAÇOS E APRENDIZAGENS DA LITERATURA E DO CINEMA NA ESCOLA

Juçara Moreira Teixeira¹

Celia Abicalil Belmiro²

Introdução

As relações entre literatura e cinema têm-se realizado desde o início do cinema, mas, no contexto atual, de constante produção e reprodução simbólicas propiciadas pela tecnologia, esse diálogo tem-se consolidado cada vez mais.

A maioria das produções cinematográficas vencedoras da premiação do *Oscar* e em exibição nas redes de cinema são baseadas em obras literárias, indicando assim a relação intencionalmente estabelecida entre as artes. Como observa Hutcheon (2013), o sucesso das adaptações cinematográficas se dá muito em função da segurança de se ter enredos previamente conhecidos e testados. Em alguns casos excepcionais, o sucesso do livro pode ocorrer também devido à produção do filme, como foi com “Harry Potter”, cujo livro atingiu um estrondoso sucesso após a adaptação cinematográfica ser divulgada.

Pesquisas como “Retratos da leitura no Brasil” (2015) apontam que os jovens estudantes possuem práticas frequentes de contato com o cinema e a literatura. A leitura da literatura vincula-se frequentemente à escola e também se realiza com maior frequência durante o Ensino Fundamental, enquanto o contato com o cinema configura-se como uma das principais atividades de lazer de diferentes faixas etárias e escolaridades.

¹ Graduada em Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa) e Bacharel em Estudos Literários (UFOP), Mestre em Letras (UFSJ) e Doutoranda em Educação (FAE/UFMG). Professora de Língua Portuguesa do Centro Pedagógico da UFMG. jucaramoreirateixeira@gmail.com

² Professora do Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social em Educação da Faculdade de Educação da UFMG, pós-doutorado pela University of Cambridge-UK e pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita - CEALE/UFMG. celiaabicalil@gmail.com

A análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Português e Arte mostra que a literatura, o cinema e a adaptação cinematográfica ocupam espaços distintos, com diferentes graus de importância, no contexto escolar.

A partir desse contexto, realizamos uma pesquisa de campo com duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública em Belo Horizonte- MG, a fim de investigar a relação que os estudantes estabelecem com a literatura e o cinema, a partir de suas experiências escolares e não escolares. Partimos do pressuposto de que o conhecimento sobre essas relações seria essencial para compreender os sentidos que eles atribuem às adaptações cinematográficas, espaço onde literatura e cinema se encontram em relações intertextuais e intersemióticas.

Neste artigo, apresentaremos alguns dados quantitativos obtidos a partir da aplicação de dois questionários fechados e de dados qualitativos de entrevista semiestruturada que, inter-relacionados, nos oferecem alguns elementos para melhor compreender os espaços da literatura e do cinema na escola.

Nosso aporte teórico foi construído a partir dos estudos de Cosson (2014) e Belmiro e Maciel (2014) sobre as relações entre a literatura e as diferentes produções culturais, enfocando especificidades e mútuas influências; de pesquisas sobre cinema e educação (NAGAMINI, 2012; DUARTE, 2009); e estudos sobre a adaptação cinematográfica (STAM, 2006; MCFARLANE, 1996).

Buscamos trazer entendimentos sobre a presença do cinema e da literatura na escola, e suas inter-relações nas adaptações cinematográficas, para assim oferecer compreensões e novas perspectivas sobre a formação estética do estudante leitor-espectador.

1. Os documentos oficiais

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN), documento oficial que normatizou o Ensino Básico no Brasil nos últimos vinte anos, foram um importante

balizador das ações educativas vivenciadas pelos estudantes pesquisados, uma vez que esta pesquisa se realizou no segundo semestre de 2016. Neste sentido, é importante conhecer o espaço que dão ao cinema, à literatura e à adaptação fílmica, a fim de estabelecermos relações entre documentos e práticas.

Os PCN de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II (1998) trazem um item específico sobre a “Especificidade do texto literário” e o trabalho em sala de aula, ressaltando a valorização do seu espaço no ensino de Língua Portuguesa:

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. (...) O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. (BRASIL, 1998, p. 26-27)

Nos PCN de Língua Portuguesa, o texto literário ocupa um espaço reconhecido como uma produção artística e construção estética decorrentes de um trabalho criteriosamente pensado, que o diferencia dos demais textos.

O cinema é citado com mais detalhes nos PCN de Arte, no campo das Artes Visuais, demonstrando assim a separação disciplinar; porém, não ocupa um espaço de destaque nesse documento, como a literatura ocupa no de Língua Portuguesa. Os PCN de Arte abordam as diversas modalidades da Arte, mas não tratam do hibridismo de linguagens que se manifesta no cinema. Ao apresentar as características e habilidades das Artes Visuais, destaca aspectos referentes à linguagem visual e que se aplicam ao cinema, mas que não englobam plenamente as especificidades da linguagem cinematográfica.

Nos PCN de Português, o filme aparece no tópico sobre o uso das mídias na escola, do qual fazem parte: a televisão, o vídeo, o computador, a internet etc. As propostas de trabalho com a televisão sinalizam a relação entre os diferentes sistemas semióticos, que

poderia se estender a um possível diálogo entre literatura e cinema e as adaptações cinematográficas:

Algumas propostas para discutir o veículo [televisão]:

- . análise das transformações sofridas por uma obra literária ao ser adaptada para a TV;
- . análise das transformações sofridas por um filme produzido para o cinema, ao ser transmitido na TV;
- . identificação de relações de imitação-interpretação-adulteração da realidade;
- . análise da recepção e efeitos produzidos no receptor. (PCN LP, 1998, p.91-92)

O documento aponta o “vídeo” como uma mídia apreciada pelos jovens e o considera um meio, assim como a televisão, no qual “interagem superpostas diversas linguagens: a visual, a falada, a sonora e até a escrita, principalmente na legenda de filmes e nas traduções de entrevistas” (PCN LP, 1998, p. 92). Propõe ainda que o trabalho com o vídeo contemple a exibição de “filmes baseados em obras literárias lidas para comparação das diferentes linguagens”. (PCN LP, 1998, p.92). A adaptação cinematográfica é tratada como um meio de se abordar diferentes linguagens, em especial o diálogo entre literatura e cinema na disciplina de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, revelando assim um diálogo unilateral, ou seja, apenas da literatura para o cinema.

Considerando esses apontamentos e o fato de a disciplina de Arte sempre ter tido uma carga horária reduzida em comparação à de Língua Portuguesa, pressupomos que o trabalho com o filme e sua linguagem, em uma perspectiva de leitura estética e compreensão das especificidades desse sistema semiótico, se faz raramente nas escolas. Esse foi um dos aspectos que esta pesquisa pretendeu investigar.

Essa realidade encontrada nos documentos revela concepções escolares acerca do que deveria ou não ser objeto de ensino e dos campos de conhecimento responsáveis por abordar determinados conteúdos. A comparação, nesses documentos, entre as reflexões sobre filme – incluindo-se a adaptação cinematográfica – e texto literário revela que o primeiro ocupa um espaço secundário em relação ao segundo, embora seja considerado

um objeto de ensino e, historicamente, como apontam vários estudos (DUARTE, 2009; NAPOLITANO, 2005; CARVALHAL, 2009), tenha ocupado as práticas escolares. Segundo Carvalhal (2009), as tentativas de inclusão do cinema na escola remontam à década de 1930, quando foi criado o Instituto Nacional do Cinema Educativo - INCE, vinculado ao Ministério da Educação e Saúde. Segundo a autora, o artigo 40 da Lei 378 determinava ao INCE a função de promover e orientar o uso do cinema no ensino, evidenciando as diversas tentativas de institucionalização desse trabalho.

Em 2014, também foi promulgada a Lei 13.006, que obriga a exibição de filmes nacionais na escola, revelando o interesse dos documentos oficiais de Educação pela atualização e inclusão dessa arte e mídia, principalmente da produção nacional:

Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica.

§ 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais. (NR). (PLANALTO, 2015)

Considerando o conceito de Bakhtin de que a palavra é “o fenômeno ideológico por excelência” (2014, p.36) e que produz sentidos para além da materialidade linguística, relacionando-se a determinações históricas, sociais e culturais, o termo “obrigar”, expresso na Lei, sugere implícitos que dizem muito sobre o *status* do filme em geral e do filme nacional na escola. O enunciado pode revelar tanto uma ausência do filme nacional na escola quanto uma resistência ao seu uso nas escolas. Desse modo, o termo pode significar tanto “ser obrigatório, colocar na obrigação, no dever”, quanto de “impor algo, com ou sem consentimento”, ou “gerar uma necessidade que antes não havia” (FERREIRA, 2004), cujas causas da ausência podem estar relacionadas a diversos fatores.

Nesses documentos oficiais analisados, embora estejam situados em contextos históricos distintos (1997 e 2014), há um movimento duplo e contraditório que evidencia a relação entre os espaços da literatura e do cinema: ora a literatura e o cinema figuram separadamente e com valores distintos, ora há a tentativa de inclusão do cinema na escola – seja por meio da disciplina de Língua Portuguesa (ênfatisando as adaptações) seja pela disciplina de Arte (que cita o filme apenas superficialmente) ou pela Lei (que não determina disciplinas).

Conseqüentemente, é relevante conhecer como este cenário conflituoso se apresenta no contexto escolar e também nas práticas dos estudantes, próxima questão a se discutir.

2. Literatura e cinema sob a ótica discente

Neste estudo, investigamos o tipo de relação que os estudantes estabelecem com a literatura e o cinema em seu cotidiano e em relação às atividades escolares que realizam. Ao todo, quarenta e sete (47) estudantes participaram do estudo, sendo vinte e três (23) da turma do 9º ano 1 e vinte e quatro (24) do 9º ano 2.

No que se refere às atividades de lazer, cada estudante pôde marcar três opções. Em ambas as turmas prevalece a opção “Acessar redes sociais” em primeiro lugar, seguida por “assistir televisão”, “assistir a filmes” e “escutar música”, indicando que as atividades digitais e audiovisuais ocupam um espaço significativo na vida dos estudantes. Entretanto, o mesmo não ocorre com a literatura, que pouco figura na lista de atividades prediletas, sendo opção apenas de sete estudantes do 9º ano 2, um diferencial em relação ao grupo pesquisado. O gráfico 1 apresenta a diversidade de respostas e dá a ver todas as preferências desses jovens:

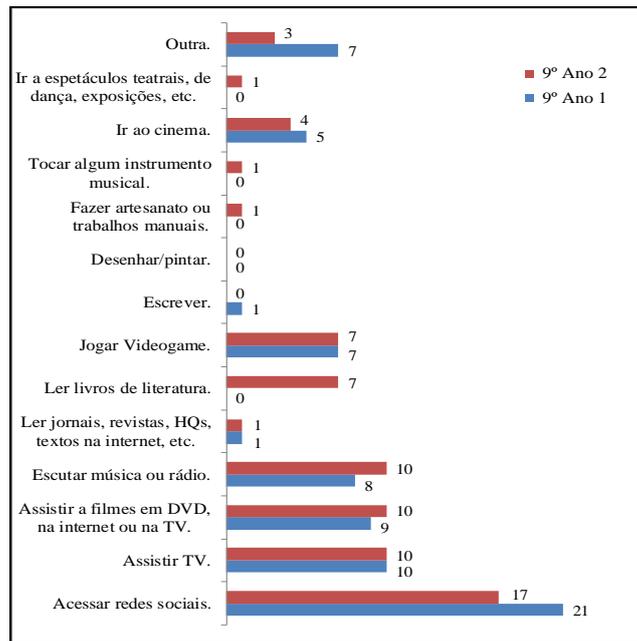


GRÁFICO 1: Atividades de lazer

Esses primeiros resultados indicam a predominância, na vida privada desses sujeitos, de uma formação permeada pelas práticas da cultura digital e da cultura de massa. Essas práticas se acrescentam às práticas escolares, outro elemento importante na sua formação individual e coletiva, que buscaremos apresentar e problematizar no decorrer deste texto.

Ao pesquisar as práticas de leitura literária dos estudantes, procuramos conhecer a quantidade de livros lidos nos últimos três meses. Consideramos o critério da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, que designa como leitor aquele que leu um livro, literário ou não, a cada três meses; entretanto, nossa pesquisa restringiu a prática leitora apenas à literatura. Dos 47 estudantes pesquisados, 27,6% afirmam ter lido 1 livro; 34% leram 2 livros; 32% leram 3 ou mais livros; e 6,3 % não leram nenhum livro.

Desse modo, os estudantes, em sua maioria, são considerados leitores de literatura, mas o fazem por “obrigação escolar”, conforme 68% indicaram a respeito das leituras recentes realizadas; apenas 23,4% afirmaram ter lido por iniciativa própria, sendo a maioria na turma do 9º ano 2, onde há um maior número de leitores que lê por lazer; 4,7% afirmaram

ler porque os pais obrigam e 6,3 não leram. Esses dados indicam que os estudantes vivenciam práticas regulares de leitura literária, sobretudo no contexto escolar, indicando uma continuidade no contexto real do que é posto no documento dos PCN e apontado pela pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”.

No que diz respeito à vida particular, os estudantes também possuem práticas de leitura literária por interesse, porém em uma quantidade menor se comparado às leituras escolares. A quantidade de leituras anuais dos estudantes é: 19,1% leem quatro ou mais livros; 42,5% leem de dois a três livros; 19,1% leem um livro; e 19,1% não leem nenhum livro por interesse. Há, portanto, uma frequência muito variada quando se trata de leituras por iniciativa própria.

Por outro lado, a relação que os estudantes estabelecem com o cinema é bem distinta em termos quantitativos. Conforme apresentado no primeiro gráfico, a maioria elegeu a atividade de assistir a filmes como uma das três atividades que mais gosta de realizar em seus momentos de lazer. Esse dado evidencia uma divisão entre literatura e cinema nas práticas culturais não escolares desses estudantes, pois a maioria assiste a filmes por iniciativa própria, e não por obrigação, como ocorre com a literatura. Todos os alunos têm o hábito de ver filmes por interesse, diferenciando-se apenas na frequência: 68% costumam assistir de 2 a 4 filmes ao mês e 32% veem um filme ao mês. Como o filme possui uma duração determinada e o tempo suficiente para assisti-lo é diferente do tempo dedicado a uma leitura de obra literária, isso justifica o número superior de filmes a cada três meses se comparado com o de livros.

Ao serem questionados sobre os locais onde mais assistem a filmes, mais de 80% dos estudantes disseram assistir a filmes em casa; e uma pequena parcela vê no cinema. Diferentemente da literatura, o cinema não é relacionado à atividade escolar; entretanto, eles costumam assistir a filmes no contexto escolar, sobretudo nas disciplinas de Geografia, Filosofia, Português e História: 68% afirmam que veem, em média, de 7 a 10 filmes por ano; e 32% consideram que assistem de 1 a 6 filmes por ano, aproximadamente.

Há uma diferença expressiva entre as práticas com a literatura e o cinema, pois a primeira marca seu espaço maior no contexto escolar, enquanto o segundo se concentra mais na vida particular. Contudo, as práticas escolares incluem um trabalho com cinema, mas que se faz de modo mais diluído entre as disciplinas, sendo concebido mais como complemento, como o próprio texto da Lei 13.006 sugere, do que como objeto de ensino estético, no qual se aborda sua constituição artística e sua linguagem.

O espaço distinto e conflituoso ocupado pelo cinema e pela literatura na escola e na vida dos estudantes pode ser observado nos gráficos 2 e 3, cujo contraste é importante de ser ressaltado:

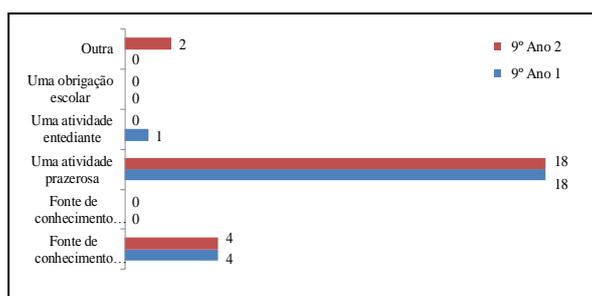


GRÁFICO 2: Significados do cinema

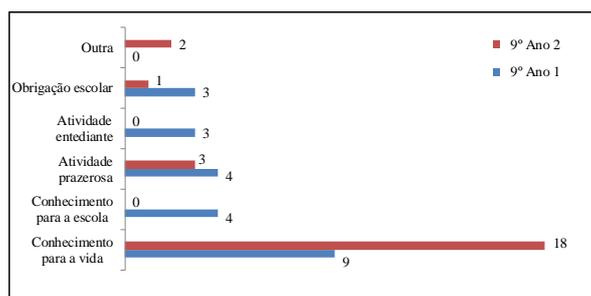


GRÁFICO 3: Significados da literatura

A literatura é caracterizada de diversos modos, ou seja, “conhecimento para a vida”, “conhecimento para a escola”, “atividade prazerosa”, “atividade entediante” e “obrigação escolar”; o cinema é caracterizado predominantemente como “atividade prazerosa”, e

poucos o consideram um “conhecimento para a vida” e uma “atividade entediante”, não sendo relacionado a nenhuma atividade escolar. Esses sentidos sinalizam que há espaços ocupados por cada uma das artes (e, no caso escolar, áreas de conhecimento) na vida e na formação desses estudantes, indicando que a literatura possui uma tradição de ensino no meio escolar, o que suscitou diferentes perspectivas.

Embora a maioria dos estudantes tenha afirmado que a leitura se faz por obrigação escolar, eles consideram a literatura como “fonte de conhecimento” e, portanto, como objeto de aprendizagem. A estudante JA9º1F faz considerações sobre os livros indicados pela escola e ressalta que, embora não tenha interesse pela leitura literária, reconhece a importância do ensino de Literatura para sua formação:

... porque eu não gosto muito de ler ... é ... a gente lê por obrigação ... tipo assim ... como a gente já tá no Terceiro Ciclo ... já tá preparando pro vestibular ... e essas coisas tipo ... o livro que eles vão passar vai ser tipo uma linguagem mais adulta ... uma linguagem mais preparada pro Ensino Médio... mas acho que vale a pena ler ... tipo ... por mais chatos que a gente ache... de um jeito ou outro nos ajuda a ... tipo ... a ter uma informação a mais e a ...tipo ... criar... que nem ele falou ... críticas ... essas coisas pra vida também ... além da prova que a gente lê também (JA9º1F)

A fala da aluna revela um discurso socioculturalmente instituído a respeito do tipo de leitor que se deve preparar para entrar no Ensino Médio e as habilidades de leitura literária que os estudantes precisam adquirir para serem aprovados no vestibular. Essa verdade instituída é um discurso compartilhado socialmente, que atribui uma função utilitária ao saber literário, e não estética. Como saber é poder, conforme Foucault (1996), saber literatura é uma forma de se sentir autorizado e capacitado a ingressar no Ensino Médio e passar no vestibular.

Uma leitora assídua de literatura na escola e na vida particular também fala sobre a relevância da literatura clássica ensinada na escola, que não coincide com seus gostos pessoais:

eu acho que as literaturas dadas pra gente na escola são literaturas que é pra gente conhecer um pouco mais ... por causa que .. se a gente

pegasse um livro desse que se lê na escola e vesse na estante ... a gente não ia pegar pra gente ler ... eu acho que é mais pra gente conhecer e tal ... as novas coisas ... (IL9º2F)

Essa estudante comentava sobre o trabalho da escola com os clássicos da Literatura, como Machado de Assis, tema da conversa. Seu discurso evoca outros dizeres que a precederam, que podem ser familiares e/ou escolares, sobre a importância do trabalho com o cânone literário na escola. Assim, o cânone é visto, para usar os conceitos de Bourdieu, como forma de acessar a “alta cultura”, de adquirir um “capital cultural” diferenciado e que só a escola pode-lhe oferecer. Por ter uma formação leitora diferenciada e ser leitora frequente, seu discurso revela uma preocupação em desenvolver mais seu conhecimento estético, no sentido de ampliar seu saber literário, e não apenas uma função utilitária como foi com JA9º1F.

Os dois enunciados, oriundos de sujeitos com perfis distintos e até antagônicos, nos oferecem elementos para refletir sobre como os diferentes leitores apreendem, compreendem e explicitam seus saberes e crenças a respeito das experiências com a literatura na escola. Ambos os discursos evidenciam a representação da superioridade da literatura no contexto escolar no qual esses sujeitos estavam inseridos. O saber literário, embora não seja apreciado por muitos estudantes, é reverenciado como fundamental. De acordo com Zilberman (1990),

[...] é sinal de superioridade o fato de a literatura ser uma das poucas modalidades de criação artística a ter entrada na escola; porém, o fato se deveu à circunstância de ela ser a única a se utilizar da língua. Esta tinha de ser considerada homogênea e nacional, para constituir matéria de ensino, numa época em que se organizava o Estado burguês. Nada mais conveniente do que consagrar a língua dos poetas como a nacional, desprezando os falares regionais e populares, e usar a escola como seu veículo de difusão, apostando no prestígio da literatura para validar as opções feitas. (ZILBERMAN, 1990, p.15)

A literatura canônica desfruta de prestígio no meio escolar, embora não seja tão apreciada na vida particular, espaço onde impera a literatura dos *best-sellers*, da cultura de massa. Ao cânone estão acoplados valores de “bem-falar”, “bem-escrever”, de senso crítico, de

conhecimento distintivo dominado por alguns poucos privilegiados. Na maioria das vezes, é essa representação que vigora na escola e entra em conflito com os gostos e práticas culturais dos estudantes, imersos em uma cultura que, na maioria das vezes, lhes oferece outro tipo de experiência estética.

Ao falarem sobre cinema, as estudantes IL9º2F, AC9º1F e AC9º2F dão a ver os tipos de atividade que realizam na escola e a relação que estabelecem com essa produção semiótica.

Eu acho que o uso dos filmes é importante pra gente ter ... além do recurso escrito né? ... a gente ter o recurso de audiovisual ... então eu acho que é mais fácil pra gente entender ... então a gente tem mais um recurso pra gente entender aquela coisa que a gente vai estudar ... A gente costuma assistir o filme e fazer uma interpretação do filme ... baseada no conteúdo que vai ser estudado (IL9º2F)

Com a professora de Português ... sempre depois de cada filme ... a gente faz tipo um livrinho assim ... é uma das atividades mais legais que a gente faz de filme ... tipo um livrinho ... primeiro a capa ... com tipo ... o ano em que foi lançado ... o idioma .. lugar ... aí depois a sinopse ... depois cê fala coisa ... no terceiro ponto cê faz coisas que cê pode notar no filme tipo ... ah a amizade é legal ... essas coisas assim ... e o terceiro é a sua opinião sobre o filme ... também faz um desenho na capa...que tem que ter uma relação com o filme (AC9º1F)

E o filme não discute muito também não ... a gente tá estudando sobre uma guerra ... aí ela vai e passa um filme (AC9º2F)

Os diferentes enunciados sobre o modo como o filme é trabalhado na escola trazem algumas especificidades, mas também possuem pontos em comum. O filme como forma de ilustrar conteúdos e usado para abordar determinadas temáticas é algo recorrente em todos eles. Há diferentes modos de fazer, que incluem passar o filme antes para facilitar a aprendizagem do conteúdo escolar; passar o filme como facilitador da aprendizagem de um conteúdo estudado; usar o filme para estudar gênero textual, enredo e temáticas, como nas aulas de Português. Predomina o discurso de que o filme ilustra algo (um conteúdo de ensino em Geografia, por exemplo) ou que a ilustração seria uma representação do filme (como na atividade da professora de Português), como se a imagem fosse um modo

de ilustrar o texto verbal apreendido na aula, ou o texto verbal formulado pelos espectadores do filme seria ilustrado por eles na atividade de Português.

Em nenhuma dessas atividades descritas pelos estudantes o cinema é pensado como arte, cuja estética deve ser compreendida e interpretada pelos espectadores; a relação entre as artes, como cinema e literatura, também não costuma ser contemplada em profundidade nas aulas pois, na maioria das vezes, ou se vê filmes ou se lê livros – conforme apontado por alguns estudantes.

Esses aspectos sobre o trabalho com filmes na escola encontram repercussão nas afirmações de Duarte:

Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para “ilustrar”, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis. (DUARTE, 2009, p. 71)

A ideia de cinema como diversão pode ser observada quando os estudantes o caracterizam como “atividade prazerosa” – sobretudo porque na escola ele não é objeto escolarizado como a literatura, e pela prática docente de ilustrar conteúdos, para ficar mais agradável e digerível por meio do filme. Esse tratamento dado ao cinema pelos estudantes indica uma vivência escolar que não aprofunda a estética e a constituição do cinema, se comparado a outras artes e conteúdos, assim como aponta indícios de uma tendência entre esses jovens de valorização e apreciação do audiovisual.

3. Literatura-cinema na adaptação cinematográfica

As adaptações cinematográficas são um importante espaço para analisar as representações, as práticas e os saberes consolidados com a literatura e o cinema. Sendo assim, investigamos também o conhecimento dos estudantes sobre as adaptações cinematográficas, e constatamos que 72,4% conhecem várias adaptações da literatura

para o cinema (acima de 3 filmes) e 27,6 conhecem poucas (até 3 em média); entretanto, é preciso considerar que a afirmação depende do conhecimento prévio, ou seja, o estudante só saberá que é uma adaptação se tiver a informação sobre o livro. Não há estudantes que nunca tenham visto uma adaptação cinematográfica, indicando tanto sua presença constante no mercado do cinema quanto o fato de os alunos terem esse tipo de prática em sua vida escolar e/ou cotidiana.

Além disso, verificamos a relação entre a adaptação cinematográfica e a leitura literária, a fim de observar como literatura e cinema figuram quando postos em relação, haja vista sua situação conflituosa e antagônica já identificada nos documentos e nas práticas dos leitores-espectadores.

Foram propostas perguntas sobre a relação livro-filme e filme-livro, para averiguar indícios de concepções sobre a adaptação cinematográfica e o processo de tradução da linguagem literária para a cinematográfica, denominado por McFarlane (1996) como “tradução intersemiótica”. À pergunta “Quando você assiste a um filme baseado em um livro, você fica mais interessado em ler o livro?”, os estudantes responderam:

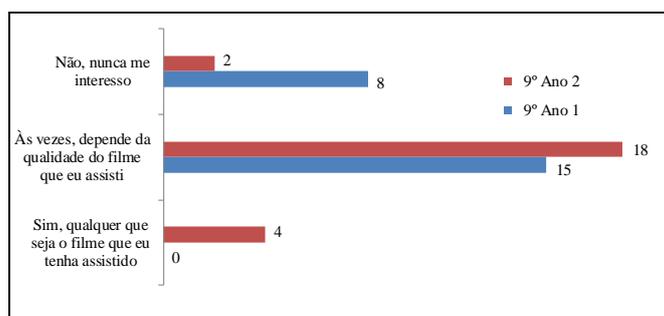


GRÁFICO 4: Relação filme-livro

O gráfico 5 apresenta a resposta à pergunta feita inversamente: “Quando você lê um livro e descobre que também existe o filme, você se interessa em ver o filme?”.

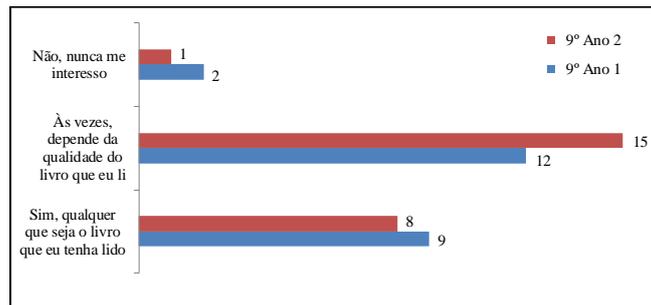


GRÁFICO 5: Relação livro-filme

Nos dois gráficos, a maioria dos alunos de ambas as turmas escolheu a opção que condiciona a escolha de ler o livro e de assistir ao filme conforme a qualidade da obra com a qual ele teve o primeiro contato, ou seja: se o filme for bom talvez o livro seja; se o livro for bom, talvez o filme seja. Essa visão revela uma relação de total dependência entre as obras, sem reconhecer a autonomia e a especificidade do livro e da adaptação, consistindo numa representação muito comum a esses dois grupos de alunos.

O percentual de estudantes que se interessa em ver o filme, independentemente do livro, é maior no 9º ano 1. Os alunos do 9º ano 1 que não se interessam em ler o livro após assistirem ao filme (Gráfico 4) são os mesmos (exceto um) que se interessam em ver qualquer que seja o filme (Gráfico 5), sugerindo um sujeito mais interessado no audiovisual.

Quando o estudante acredita que não é relevante ler o livro porque já viu o filme “adaptado”/traduzido, ou de não ver o filme porque já leu o livro, de ver o filme só se o livro for bom, de ler o livro só se o filme for bom, enfatiza-se a ideia de “cópia” de uma linguagem da outra. A direção de algumas respostas do questionário limita ao enredo a compreensão de leitura, descartando o discurso que cada linguagem traz consigo, não apenas pelas suas características, mas aí enfatizando o estilo autoral do realizador, que faz um simples tema tornar-se uma obra de arte. Além disso, desconsidera-se que a obra filmica “traduzida” é uma outra linguagem, uma nova criação; o que está em jogo são

artes diferentes, expressas em linguagens igualmente distintas, que podem ter intersecções, mas não oferecem a mesma experiência ao sujeito que delas desfruta.

Conclusões

A pesquisa aponta um cenário complexo no tratamento dado às linguagens literária e cinematográfica, cujos valores e práticas alteram-se conforme os tipos de relações estabelecidas entre elas e os contextos escolares e culturais onde são significadas.

Cinema e literatura sempre estiveram presentes no contexto escolar, porém ocupando espaços distintos: a literatura, vinculada à disciplina de Língua Portuguesa, se faz continuamente presente, seja por meio de fragmentos de textos, seja por meio de obras inteiras; o cinema, embora fosse campo da Arte, figura em diferentes disciplinas e momentos como ilustração de aulas de conteúdos, sem uma abordagem que o caracterize esteticamente.

O impacto dessa tradição de ensino-aprendizagem se observa nas respostas dos estudantes, sobretudo no que diz respeito à visão sobre as adaptações cinematográficas, cuja abordagem na escola é escassa, como evidenciou Nagamini (2012). Ao estabelecerem uma relação de estreita dependência entre livro e filme, evidenciam dificuldades de compreensão das especificidades das linguagens e, sobretudo, do processo de transposição intersemiótica que se realiza quando se transforma um texto literário em um filme.

Esses posicionamentos, cujos dados são aprofundados na pesquisa em sua totalidade, indicam uma necessidade de formação de leitores e espectadores para que compreendam os modos de construir sentidos de cada arte e sua linguagem, bem como as especificidades do processo de se estabelecimento de intertextualidades e relações intersemióticas entre literatura e cinema.

Nesse sentido, em uma relação com o que já se propõe com a literatura, é relevante considerar a inclusão da perspectiva do cinema como arte, cuja concepção e estruturação possuem códigos e princípios específicos, cientificamente e artisticamente justificados, a fim de possibilitar uma nova visão a respeito de sua presença na escola e na vida.

Propostas de ensino que busquem uma formação estética do sujeito – considerando, principalmente, o conhecimento prévio que os estudantes possuem – é uma alternativa viável para um ensino que se pretende global, interdisciplinar e crítico. Suas diferentes formações darão peso às suas práticas cotidianas e escolares, às suas reflexões sobre os modos de construir sentido de cada linguagem, respeitando suas interações e mútuas influências.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BELMIRO, Célia Abicalil [et al.] (Orgs.). *Onde está a Literatura? Seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais. Arte*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais. 3º e 4º ciclos: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARVALHAL, Fernanda Caraline de A. Instituto Nacional de Cinema Educativo: da história escrita à história contada um novo olhar. *Revista Mnemocine*. Disponível em: <www.mnemocine.com.br>. Publicado em 15 maio de 2009. Acesso em 04 novembro de 2017.
- COSSON, Rildo. *Círculos de Leitura e Letramento Literário*. São Paulo: Contexto, 2014.
- DUARTE, Rosália. *Cinema & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 7. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Tradução André Cechinel. 2ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

Lei 13.006. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm. Acesso em 06 de junho de 2015.

MCFARLANE, Brian. *Novel to Film: An Introduction to the Theory of Adaptation*. New York: Oxford University Press, 1996.

NAGAMINI, Eliana. *Comunicação em diálogo com a Literatura: mediações no contexto escolar*. 2012. 181 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL. 4ª edição. São Paulo: Instituto Pró-livro & IBOPE Inteligência, 2016.

STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. *Revista Ilha do Desterro*, Florianópolis, SC. Nº. 51, jul./dez. 2006, p. 19-53. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2006n51p19>.

Acesso em 09 junho 2015.

ZILBERMAN, Regina. Sim, a literatura educa. In: ZILBERMAN, Regina; TEODORO, Ezequiel. *Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p.12-20.